



---

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

---

REVISTA HCPA 2003; 23 (Supl.)

# 23<sup>a</sup> SEMANA CIENTÍFICA do HCPA

De 01 a 05 de Setembro de 2003

---

10º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

# Anais

**PAPEL DA VIA DE FORMAÇÃO DO COLESTEATOMA NA ORELHA CONTRALATERAL EM PACIENTES PEDIÁTRICOS DO AOMC-HCPA.** Hemb L , Schweiger C , Matter R , Dornelles C , Smith M , Schmidt LP , Costa SS . Serviço de Otorrinolaringologia/ Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia . HCPA - UFRGS.

Introdução: A hipótese do continuum na patogênese da Otite Média Crônica (OMC), onde insultos iniciais desencadeiam uma cascata de alterações na orelha média, é um dos assuntos discutidos na literatura. Estudos nesta linha de pesquisa apontam que a presença de colesteatoma parece determinar o grau de comprometimento da orelha contralateral (OCL). Objetivo: Analisar o papel da via de formação do colesteatoma na orelha contralateral (OCL) de pacientes pediátricos, com diagnóstico de OMC. Métodos: Foram selecionados 54 pacientes, com idade até 18 anos, com diagnóstico de OMC colesteatomatosa (OMC C) acompanhados no Ambulatório de Otite Média Crônica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (AOMC-HCPA). Nestes, foi realizada otoendoscopia com fibra óptica bilateral. A orelha mais estável foi considerada contralateral (OCL), sendo classificada em orelha com alterações significativas e alterações leves, que englobam as orelhas normais e as com alterações sem repercussão clínica. Para a análise estatística foi utilizado o pacote estatístico SPSS 10.0. Resultados: A média de idade e seu desvio padrão foi de  $11,57 \pm 3,65$  e mediana de 12 anos. Dentre os pacientes avaliados, 22,6% apresentavam colesteatoma com via de formação epitimpânica posterior, 62,3% mesotimpânica posterior e 15,1% epitimpânica anterior ou via de formação não identificada na otoscopia. Do total da amostra, 83% apresentaram alguma alteração na OCL. Quando comparados as vias de formação epitimpânica posterior com a mesotimpânica posterior, pode-se observar que a primeira apresentava maior prevalência de alterações leves na OCL, enquanto que na última prevalecem as alterações significativas, sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p=0,04$ ). Conclusões: Os dados encontrados sugerem que pacientes que apresentam colesteatoma, com via de formação mesotimpânica posterior, têm maior probabilidade de apresentarem alterações significativas na orelha contralateral. Sendo a disfunção tubária a principal causa de alterações da pars tensa da membrana timpânica, especialmente nesta faixa etária, e por esta apresentar-se bilateralmente, espera-se que a orelha contralateral esteja acometida em pacientes com esta via de formação do colesteatoma.